



CAROLINE BERNARD

Frida Kahlo

e AS CORES DA VIDA

uma história de arte,
amores e revoluções



TORDSILHAS



CAROLINE BERNARD

Frida Kahlo

e AS CORES DA VIDA

uma história de arte,
amores e revoluções

Tradução
CLAUDIA ABELING

TORÇILHAS



PRÓLOGO

Dezembro de 1939

No fim da manhã, Frida entrou em seu ateliê a passos rápidos. Nessa hora, o efeito dos analgésicos era máximo. A luz do sol penetrava fluida e dourada pela janela e iluminava seu cavalete.

“Bom dia, irmãzinha”, ela cumprimentou o esqueleto de papel machê; o boneco tinha sido pintado por ela – que o vestira com uma de suas anáguas – e a aguardava sentado numa cadeira no canto. Suas tintas, guardadas em potinhos de vidro, estavam à mão sobre uma antiga bancada de marceneiro. Ao lado, os potes de barro com os pincéis, desde os muito finos, cujas cerdas não eram mais grossas que cílios, até os mais grossos, parecidos com os pincéis de barba do pai.

As paredes eram recobertas por fotos, desenhos e máscaras antigas, que à luz do sol pareciam criar vida. Várias mesas e armários baixos expunham suas bonecas e os seres fantásticos que ela havia criado durante anos; seus livros, blocos de notas, generosos buquês de flores e mil outras coisas que ela amava e gostava de observar – e que lhe serviam de inspiração. Para alguém de fora, aquele cômodo podia passar a impressão de desarrumado e entupido, mas para Frida estava tudo no devido lugar. Seus livros, organizados nas prateleiras por temas; as pastas com os artigos de jornal e a correspondência, etiquetadas com esmero. Diego às vezes troçava dela por causa disso, mas Frida dizia que era herança do pai alemão. Ela precisava de ambas: as muitas coisas ao seu redor e a organização para domá-las.

Observou a cena com um sorriso, feliz pelo ambiente familiar, cuidadosamente disposto.

Animada com o que tinha pela frente, ela se postou diante do cavalete e tocou o pano que havia pendurado sobre o quadro na noite anterior. Pela primeira vez, Frida escolhera um formato em tamanho real. Era imperioso, agora. Todos os quadros eram importantes para ela, mas esse significava mais do que os outros. Ela puxou o pano com força para o lado e as duas cabeças surgiram. Sob as espessas sobrancelhas

que se uniam na base do nariz e que faziam lembrar as asas abertas de um pássaro, seus olhos devolveram o olhar em dobro. Mesmo assim, as diferenças entre ambas as Fridas eram perceptíveis. A da esquerda tinha uma pele mais branca e uniforme que a da direita, cujo rosto era escuro como o de uma índia. A da esquerda estava levemente maquiada, e o cabelo tinha sido penteado com habilidade; a da direita exibia o buço, e o cabelo não tão brilhante estava preso num coque. Essas diferenças eram enigmáticas – mas um olhar atento conseguiria distingui-las.

Frida observou o quadro durante bastante tempo, pegou o pincel e voltou a trabalhar o fundo, composto apenas pelo céu de nuvens brancas, mas seu pensamento estava com as Fridas da tela. *Essas são as duas mulheres que tenho dentro de mim*, pensou, enquanto continuava a pincelar a tela de branco. *A mulher que quer viver do jeito que lhe convém e a mulher que carrega a carga da tradição e da história.*

Parecia haver um grande pássaro batendo as asas dentro de seu peito. Era como se o coração estivesse prestes a explodir, a mesma sensação que sempre tinha ao ouvir as palavras de Diego – aquela única palavra que mudaria sua vida. O pincel parou no ar. Ela precisava se concentrar no quadro, pintar. Precisava se encontrar nas duas Fridas, pois estava se perdendo.

Frida passou um bom tempo encarando a tela. Faltava algo decisivo. E, de repente, ela soube. Impaciente, largou o pincel sobre a mesa, pois não queria parar para lavá-lo, e escolheu outro. Misturou tintas para chegar a um tom de vermelho que continha um pouco de magenta, sua cor predileta e que em sua opinião era a síntese do México: vida e amor. Sem tirar os olhos do quadro, ela pegou um de seus muitos livros de anatomia da estante de livros atrás de si. Depois de folheá-lo um pouco, encontrou a página. Em seguida, esboçou com traços rápidos sua ideia: desenhou um coração na roupa de cada uma das Fridas. Os corações ficaram visíveis, e uma artéria cortada pingava sobre o vestido branco da Frida europeia, que segurava uma pinça cirúrgica.

Frida olhou novamente para as mãos que as mulheres davam uma à outra. A ligação entre elas era muito forte e deveria ficar ainda mais evidente! Ela desenhou uma linha fina, delicada, outra artéria, ligando os dois corações. O mesmo sangue que fluía entre ambas, a mesma pulsação, as fortalecia. Juntas, as duas Fridas que ela unia em si conseguiriam sobreviver a tudo que viesse pela frente.



PRIMEIRA PARTE
A coluna quebrada
1925-1930

CAPÍTULO 1 - Setembro de 1925

“Pare de embromar e venha!”

Alejandro pegou a mão de Frida e quis puxá-la atrás de si. Frida sentiu a pele se arrepiar entre as omoplatas, algo que sempre acontecia quando eles se tocavam. Mesmo assim, ela se desvencilhou dele.

“Um momento. Esqueci o meu caderno.”

Quando voltou, Alejandro estava esperando por ela no final do corredor, ao lado de Miguel, um amigo em comum. Frida diminuiu o passo para observá-lo mais atentamente. Alejandro Gómez Arias era bem-apegoado, alto, tinha o cabelo brilhante e se vestia com uma elegância despreziosa. Alejandro havia chamado sua atenção logo no primeiro dia. Estava três séries acima da sua e fazia parte de um grupo de amigos que se chamavam Cachuchas, como os bonés de pano que usavam. Os Cachuchas eram inteligentes, conheciam literatura contemporânea e amavam pintura. Seu grande exemplo era o revolucionário José Vasconcelos, que, na condição de ministro da Educação, havia iniciado uma campanha de alfabetização e apostava em novos parâmetros para a arte. Antes de Frida se juntar a eles, o grupo era formado exclusivamente por rapazes. Afinal, poucas moças frequentavam a Escuela Nacional Preparatoria. Apesar de todas as objeções da mãe, Frida queria cursar Medicina. Acima de tudo, porém, a “Prepa” era um espaço de liberdade para Frida. Ali, ela podia finalmente fugir da rigidez da família e dos olhares dos pais e vizinhos. Diariamente ela tomava o bonde para ir de Coyoacán, nos arredores da Cidade do México, até o centro da capital.

Frida ergueu as meias de tricô até debaixo da barra da saia pregueada escura e saiu correndo. Ao passar por Alejandro, deu uma cotovelada nele.

“Vamos logo!”, ela exclamou enquanto corria escada abaixo.

“Frida! Espere! Você se comporta de um jeito impossível!”

Frida fez a curva da escada muito rapidamente, e a saia se levantou ao redor das pernas. Ela se segurou no corrimão e desceu os degraus quase aos trambolhões.

“Frida!” ele exclamou mais uma vez. “Você arruína a reputação das mulheres desta escola.”

Frida revirou os olhos. Ela amava Alejandro de todo o coração, mas por que ele não conseguia entender que todos os movimentos eram parte da sua pessoa? Apesar da paralisia infantil superada e da perna direita torta, ela não podia imaginar uma vida sem velocidade, sem escaladas nem danças. Já era hora de ele saber disso. Por que todo mundo exigia que ela descesse as escadas de maneira bem-comportada e nunca ficasse sem fôlego? Porque era mulher? Claro que ela era mulher, e era também tão impetuosa quanto lhe convinha.

Subitamente, Frida parou no meio da escada, e Alejandro trombou com ela.

“Mas eu gosto do jeito que sou. Você está com medo de que eu seja mais rápida do que você”, ela disse.

Respirando com dificuldade, ele estava um degrau acima dela. O cabelo escuro caía em sua testa, os lábios brilhavam, vermelhos. Ele se curvou e pressionou os lábios contra os dela. Frida aceitou o beijo, depois escapou por baixo dos braços dele e continuou correndo escada abaixo, atravessando o pátio interno sombreado.

Na rua, ela sentiu o calor sufocante da tarde. Era setembro, a época das chuvas estava chegando ao fim, e o ar estava úmido. De manhã, havia garoado, e as casas pareciam ter sido todas lavadas.

Eles seguiram pela Calle Argentina em direção ao Zócalo, a gigante praça central da cidade, com a catedral e o palácio nacional. Todos se encontravam ali. Trapaceiros e *mariachis*, vendedores e desocupados, políticos e gente simples. Frida estava embromando, porque não tinha vontade de ir para casa. Coyoacán era muito entediante. A única diversão era sua empoeirada Plaza Hidalgo, diante da igreja. Mas ali todos se conheciam, os vizinhos e o padre estavam de olho sempre. Nas ruas da capital, as pessoas se amontoavam nos mercados e nos cafés. Havia música no Zócalo, as pessoas caminhavam com cartazes ou faziam truques de mágica. E ela podia beijar Alejandro sem ser castigada.

Devido ao tempo, os terraços dos cafés não estavam cheios nesse dia. Mesmo assim, as índias tinham organizado suas banquinhas modestas sobre tábuas de madeira. Frida abriu seu pequeno guarda-chuva e passou lentamente no meio das mercadorias expostas. As vendedoras sentavam-se diante da cerca de ferro trabalhado ao redor da catedral

ou encostadas nas paredes das casas, oferecendo frutas e verduras, bordados e cerâmicas. Havia até as primeiras caveiras decoradas com glacê colorido, embora faltassem ainda algumas semanas para o Dia dos Mortos.

“Você não tem que ir à casa do Fernando hoje?”, perguntou Alejandro, tentando se desviar do guarda-chuva dela. “Não está chovendo!”

“Mas o guarda-chuva é bonito, você não acha?”, perguntou Frida girando-o na mão, fazendo as franjas presas à borda dançarem no ar. “E hoje eu não vou à casa do Fernando.”

Fernando Fernández era designer gráfico e amigo do pai de Frida, com quem ela fazia aulas de desenho duas vezes por semana. Como pagamento, ela o ajudava em sua loja.

Frida parou diante de sua banquinha predileta, aquela que vendia amuletos e pequenas imagens votivas pintadas em chapas de lata. Esses desenhos, que serviam como oferendas ou pedidos aos santos protetores, registravam as histórias das necessidades e das preocupações das pessoas simples. Frida passou o dedo sobre cada uma das pequenas chapas e leu as inscrições. *Quase a expressão pictórica da alma popular mexicana*, pensou ela, reverente. A índia idosa a reconheceu.

“Mira”, ela disse, “essas são novas”, apontando para algumas imagens do tamanho de cartões-postais.

“Veja, aqui uma mulher agradece o fato de o marido não a ter flagrado em adultério e promete ser fiel a ele a partir de então! A autora bem que podia ser você”, disse Alejandro.

“Mas eu te falei do Fernando. Além disso, a coisa não chegou até o fim. Se eu trair você uma próxima vez, antes vou pedir proteção divina para que você não descubra.”

Droga, por que ela dissera aquilo? Rapidamente Frida pegou a mão de Alejandro e lhe sapeceu um beijo.

“Brincadeira”, ela murmurou, despreocupada. Um amuleto do tamanho da palma da mão chamou sua atenção. Era de um vermelho-vivo com incrustações amarelas. Nessa banquinha havia também um coração de lata com uma borda de louça colorida. No coração, via-se o perfil de um homem e de uma mulher, um casal, sem dúvida.

Frida pegou ambos os objetos na mão e mostrou-os a Alejandro. “Qual deles?”, ela perguntou.

“Pegue esse”, ele decidiu, apontando para o amuleto.

“Ah, não. Prefiro o coração.” Enquanto falava, ela o olhou de uma maneira instigante. “Agora podemos ir embora”, ela disse com um sorriso e deu o braço para ele, depois de ter guardado cuidadosamente o coração debaixo da saia.

Ao lado, havia um tipo de bonde puxado por cavalos e que se movia quase na mesma velocidade que eles. O cheiro forte dos animais suados penetrou no nariz de Frida.

“Este é o nosso”, disse Alejandro, querendo subir.

“Espere, deixei meu guarda-chuva na banquinha”, ela exclamou. “Vou buscá-lo num instante.”

Ao retornar, o bonde já havia partido.

“Então vamos pegar o ônibus. Lá, pelo menos, não é tão fedido”, ela sugeriu.

Não havia muito que os novos ônibus circulavam pela cidade. Os veículos eram, em sua maioria, velhos modelos Ford americanos que tinham sido adaptados. Mas andar de ônibus era considerado chique. No mesmo instante, o ônibus vermelho com a inscrição “Coyoacán” dobrou a esquina. Frida andou ao lado do veículo até chegar à porta aberta.

“Pare! Quero entrar!”, ela gritou para o motorista, enquanto dava um salto em direção aos degraus.

O motorista freou, e a imagem da Sagrada Virgem de Guadalupe balançou alucinadamente de um lado para outro no para-brisa.

“E o meu amigo também”, ela falou, sem fôlego. Frida esticou a mão para Alejandro, que também subiu.

Ela foi andando entre os outros passageiros, que estavam sentados em bancos de madeira dos dois lados do corredor, até chegar ao fundo do ônibus. O veículo partiu novamente, dando um solavanco, e ela foi lançada contra um homem pançudo. Com esforço, Frida se reequilibrou e se segurou numa barra de apoio. Alejandro espremeu-se ao seu lado. Ela sentiu o corpo dele bem próximo ao seu, olhou para ele e sorriu. As janelas abertas deixavam entrar o aroma de *tortillas*. O motorista entrou velozmente numa curva, e o corpo de Alejandro a pressionou ainda mais. Ela conseguia sentir o coração dele batendo. E um repuxar gostoso no ventre.

“Desculpe”, o rapaz murmurou, mas seus olhos diziam que ele também estava gostando do contato.

No ponto seguinte, entraram dois homens. Suas jaquetas rústicas estavam manchadas de tinta. Frida sentiu o cheiro de terebintina quando

eles se postaram ao lado dela. Ambos carregavam baldes, e um deles equilibrava um saco feito de papel-jornal. As beiradas do saco reluziam sob o sol. De vez em quando caía dali um punhado de algo que parecia purpurina.

“É ouro?”, Frida perguntou curiosa.

O homem assentiu. “Para os afrescos da ópera.” Ele esticou o saco em sua direção, e ela reconheceu os minúsculos pedacinhos de laca dourada.

Frida percebeu o ruído do bonde que vinha em direção contrária, mas sua atenção ainda estava voltada para o pó brilhante de ouro. Uma partícula mínima planou no ar e se prendeu nos pelos de sua axila. Ela tentou arrancá-la com as pontas dos dedos. De repente, ouviu-se uma buzina aguda, o ônibus foi lançado para o lado, e começou a rodar. Frida tentou se segurar novamente na barra de apoio que havia soltado para pegar o pó de ouro.

Então foi a vez de uma freada brusca, ouviu-se o barulho do atrito dos pneus, e o pó dourado choveu sobre Frida. O ímpeto da colisão fez com que ela caísse no chão.

“*Dios mío!*”, ela escutou uma mulher ao seu lado exclamar, em pânico. Ela viu o ar brilhando, amarelo, escutou ruídos horríveis e pessoas gritando. De repente, ficou de pernas para o ar. Ela não enxergava mais nada, só o ouro reluzindo sobre os braços. E cacos prateados – Frida pensou em diamantes. Em seguida, ela foi arremessada ao chão. À luz do sol, ela também reluzia como se fosse de ouro. Onde Alejandro tinha se metido? Há pouco ele ainda estava bem ao seu lado. Então algo brilhante caiu em cima de Frida, mas dessa vez não era pó de ouro, e sim algo longo e pontudo. E ela sentiu dor.



[/Tordesilhas](#)

[/TordesilhasLivros](#)

[/eTordesilhas](#)

[/TordesilhasLivros](#)

Este livro foi composto com as famílias tipográficas
Celeste para os textos e Gotham para os títulos.
Impresso para a Tordesilhas Livros em 2021.



“Eu sou uma revolução” - **Frida Kahlo**

México, 1925: Frida quer se tornar médica, mas um terrível acidente põe fim a seu sonho. Anos mais tarde, ela se apaixona pelo grande sedutor e pintor Diego Rivera e ao lado dele mergulha de vez no cobiçado mundo das artes. Sempre assombrada por problemas de saúde e sabendo que sua felicidade poderia ser passageira, Frida se entrega à vida e descobre como trilhar o próprio caminho. Com roupas de cores vibrantes e postura de divindade asteca, a artista cria uma aura particular e se torna uma das pintoras mais cultuadas de nossos tempos.

“Uma declaração de amor à arte, à feminilidade, à liberdade e à coragem de conquistar tudo isso a cada dia. Um livro adorável, delicado e cheio de energia.” - **Nina George**

TORDESILHAS

978 65 5568 011 9

